

## SEÇÃO IV - RESENHAS

### **Narradores de Javé: Analfabetismo, Cultura e Memória**

Ana Paula Remingio Vaz<sup>31</sup>

Narradores de Javé (2004), filme dirigido por Eliane Caffé com duração de 100min, caracteriza-se como drama, um tanto tragicômico, que conta o infortúnio dos moradores do Vale de Javé. O filme mescla atores profissionais (José Dumont, Nelson Xavier, Matheus Nachtergaele, Gero Camilo, Rui Rezende e Luci Pereira) com moradores da região. O filme foi realizado em locações no estado da Bahia e é uma co-produção entre Brasil e França.

Narradores de Javé é um filme instigante que permite várias reflexões no âmbito da cultura. A trama central do filme aborda o drama dos moradores do Vale de Javé e a chegada das águas. O Vale corre risco de ser inundado por causa da construção de uma hidrelétrica. Para impedir o avanço das águas é necessário escrever um documento que comprove que Javé é uma cidade que possui patrimônio imaterial, ou seja, iniciar o processo de tombamento. Mas como maior parte dos moradores da região é analfabeta, a tarefa recai nas mãos de Antônio Biá interpretado por José Dumont. A narrativa do filme é rica e são vários os elementos visuais e de roteiro que direcionam a alguns pontos centrais: oralidade, memória, analfabetismo e valorização cultural. A análise do filme vai partir destes pontos centrais.

Rodado em 2003, o filme coincide com uma mudança política no Brasil: o primeiro mandato do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Esse é um momento icônico na história do país, uma vez que o plano de governo detém uma proposta da erradicação da fome e analfabetismo. O filme retrata indiretamente esse momento histórico. O narrador dos infortúnios de Javé é Zaqueu (Nelson Xavier) que, no passado, veste uma camisa de futebol vermelha com o número treze estampado. Talvez essa seja uma forte referência ao momento histórico referido.

---

<sup>31</sup> Bacharel em Filosofia pela UFPR. Licenciada em Filosofia e Arte pelo CEUCLAR. Atua como mediadora de leitura na Fundação Cultural de Curitiba. Membro do GECINE/NESEF-Grupo de Estudos Sobre Cinema e Educação do Núcleo de Estudos e Pesquisas Sobre Ensino de Filosofia.

Zaqueu, o principal articulador na tentativa de salvar Javé, narra o que aconteceu com sua cidade no presente. O filme começa num bar à beira do rio São Francisco. Neste estabelecimento estão alguns moradores da região. A mãe de Souza, personagem interpretado por Matheus Nachtergaele, está sentada no balcão lendo e se nega a atender um dos clientes. Na sequência, recebe a reprimenda do filho “Ler é uma perda de tempo”, quando, um dos presentes, o narrador de nossa história, Zaqueu, diz que “Às vezes não”. A partir daí, inicia-se a narração da história do Vale de Javé. Neste momento, acontece a primeira defesa da leitura e conseqüentemente do letramento.

Para escrever o livro com as histórias de Javé, Antonio Biá, vai ouvir diversos cidadãos. Muitos moradores de Javé começam a procurar Biá e, neste momento, a câmara enquadra a porta da casa de Biá, onde em cima está escrito “proibida a entrada de analfabetos”, uma alusão direta a porta da Academia de Platão onde estava escrito “Que não entre quem não saiba geometria”. A história contada pelo povo gira em torno do surgimento de Javé. A narrativa, em linhas gerais, conta sobre um povo expulso de sua terra pela coroa de Portugal e parte em busca de um novo local para se estabelecer, carregando um sino pesado. A partir das “divisas cantadas”, eles estabelecem o povoado de Javé. Biá, no processo de coletar as histórias, percebe que elas não batem e que persiste sempre uma ficção do povo, ou seja, “quem conta um conto, aumenta um ponto”. Ele se vê em um impasse: como compilar todas essas histórias de forma científica e satisfatória para salvar Javé?

O terceiro ato do filme, quando Biá percebe a impossibilidade de salvar Javé, surge uma fala de impacto:

Vocês acham que escrever essas histórias vai parar a represa? Não vai não e sabe por quê? Porque Javé é só um buraco perdido no ovo do mundo. E daí? E daí que Javé nasceu de uma gente guerreira, (...) se hoje isso aqui é um lugar miserável, de rua de terra de gente apocada e ignorante, como eu, como vocês tudinho. O que nós somos é só um povinho ignorante, quase não escreve o próprio nome, mas inventa histórias de grandeza para esquecer a vidinha rala e sem futuro nenhum. E vocês acham, acham que os homens vão parar a represa e o progresso por um bando de semi-analfabetos? Não vão não. Isso é fato. É científico. (NARRADORES DE JAVÉ, 2004).

A última visão que temos de Javé é a cidade inundada e os últimos remanescentes aprontando suas coisas, incluindo o sino, para partir. Surge então Biá, que tira um encadernado da bolsa e começa a escrever do ponto de vista dele, a partida dos últimos moradores de Javé. Alguns personagens se aproximam de Biá e começam a contar

histórias mais uma vez. O filme termina voltando ao tempo presente, com imagens das margens do rio São Francisco, e a última fala é de Zaqueu, que afirma que agora tudo está documentado num livro.

O filme é rico sob diversos aspectos e permite uma reflexão com prismas diferentes. O fio condutor parece estar centrado na noção que temos de narrativa, pois, antes de tudo, o próprio filme é uma forma de linguagem. Na história o foco narrativo envolve a noção de oralidade e de escrita, o que, conseqüentemente, faz surgir o debate sobre o analfabetismo. O filme também reflete questões sobre cultura, memória e patrimônio histórico.

Quando Biá começa a coletar os relatos, percebemos que as histórias estão vivas a partir da oralidade do povo, mas não apenas isso: a criação do Vale de Javé, pode ser entendida como a criação de um mito. Percebem-se presentes todos os requisitos necessários para um mito: origem de uma cidade, aspectos divinos e traços formadores da cultura popular. Um aspecto interessante, ressaltado no filme, é que a mesma história é recontada e revivida. No mito de origem, o povo é expulso de suas terras pela coroa de Portugal e sai à procura de uma nova terra prometida. Nesta empreitada, ora o guia são pássaros, ora oxum, ora uma bruxa retirante. Eles carregam consigo o sino de seu antigo povoado. Se compararmos com o final do filme, os cidadãos de Javé também foram expulsos de sua terra, não pela Coroa de Portugal, mas pelo Estado. Eles também carregam o sino herdado pelos pioneiros de Javé, mas a diferença entre as duas narrativas consiste em que agora as divisas não vão ser cantadas e o relato vai ser escrito pelas mãos de Antonio Biá. O mito vira realidade e a oralidade toma forma em um livro.

A oralidade do povo de Javé se mostra rica e fabulatória, mas ela, por si só, não consegue impedir a hidrelétrica. Os moradores de Javé perdem as suas casas por não possuírem documentos destas. A posse da casa pertencia ainda à cultura das divisas cantadas. Sem documentos que comprovem a posse, o Estado expulsa os moradores sem nenhum reembolso. A Coroa de Portugal os expulsa por ouro e o Estado usa o progresso como argumento. É neste momento que a fala de Biá, supracitada, entra em questão: como lutar com as formas de poder estabelecidas? Talvez, através da erradicação do analfabetismo. Esse elemento é reforçado na fala de Zaqueu, no início do filme, quando a mãe de Souza está lendo, e no final, com o livro escrito. Ler e escrever são essenciais para defender os direitos dos cidadãos. A educação é um instrumento de libertação, como afirma Paulo Freire. A educação estimula a investigação cultural.

Um dos pontos abordados pelo filme é a questão do patrimônio histórico. No mesmo ano que o filme foi lançado, a UNESCO realiza a Convenção para salvaguarda do patrimônio cultural imaterial. Uma das manifestações do patrimônio imaterial, segundo a Convenção, é a tradição oral. Dessa forma, as histórias que são consideradas banais e contraditórias no filme, talvez pudessem fazer parte de um patrimônio cultural imaterial como, por exemplo, a tradição das dividas cantadas. É importante ressaltar que não há uma exclusão ou rebaixamento da oralidade, pelo contrário: oralidade e escrita devem permanecer equiparadas. O que não se faz razoável é o desequilíbrio entre as duas formas narrativas, desequilíbrio esse que naufraga Javé.

Narradores de Javé, além de representar o melhor do cinema nacional, é uma imersão na cultura popular, uma reflexão sobre oralidade, cultura e uma crítica aos grandes índices de analfabetismo no país.

### **Referências**

**NARRADORES DE JAVÉ.** Direção de Eliane Caffé. Rio de Janeiro: RioFilme, 2004. 1 (DVD). 100min.